

NOV/DEZ/1986 - Nº 6

Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE PREVENÇÃO

O Renascido e o Nascituro

Segredos dos Grandes Pregadores



o Chamado

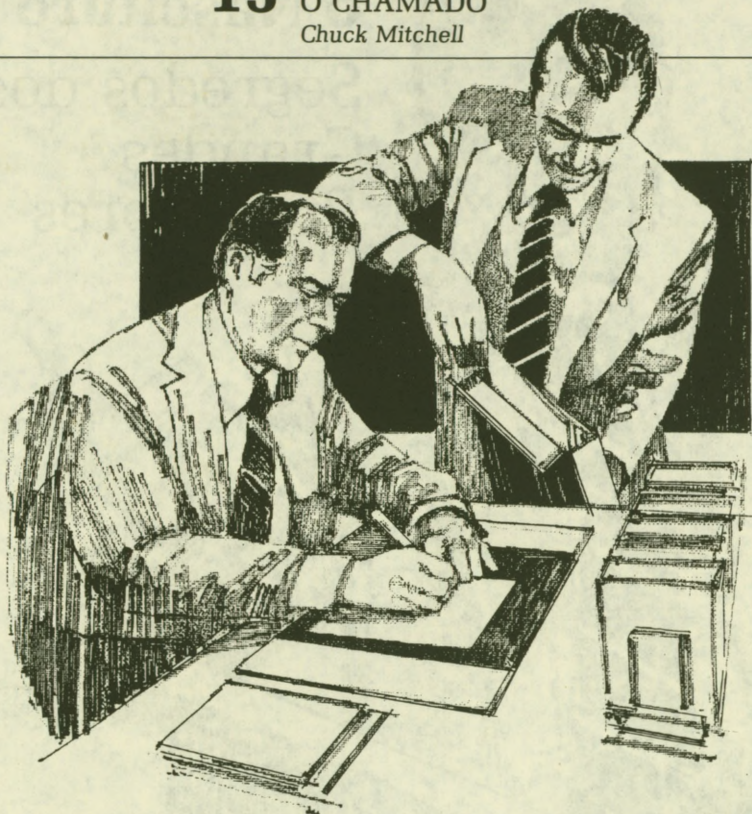
ARTIGOS

3 SEGREDOS DOS GRANDES PREGADORES
Harold Calkins

7 ALGUMAS PALAVRAS SOBRE PREVENÇÃO
Dr. Richard A. Hansen

10 O RENASCIDO E O NASCITURO
John E. Millie Youngberg

13 O CHAMADO
Chuck Mitchell



Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca; **Diretor de Arte:** Rogério Sorvillo Vieira; **Programador Visual:** Cláudio Sampaio de Oliveira; **Capa:** A. Rios; **Colaborador Especial:** Daniel Belvedere; **Colaboradores:** João Wolff, Severino Bezerra, Pável Moura, Luís Nunes, Jefte de Carvalho.

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 - 70279 - Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 - km 106 - Caixa Postal 34 - 18270 - Tatuí, SP.

SEGREDOS DOS GRANDES PREGADORES

HAROLD CALKINS

Presidente da Associação da União Britânica dos Adventistas do Sétimo Dia

Aos 15 anos de idade, George Whitefield (1714-1770), filho de um dono de bar, começou a trabalhar atrás de um balcão. Quando o bar fechava, ele se dirigia escada acima para o seu quarto e lia a Bíblia à luz de uma vela roubada. Assim começou a vida devocional de um homem que depois despertou reavivamentos religiosos em toda a Inglaterra e Estados Unidos e que exerceu influência na fundação de uns cinquenta colégios e universidades nos Estados Unidos.

A posterior associação de Whitefield com o Clube Sagrado dos Wesley aprofundou-lhe a vida espiritual.

Com respeito a sua devoção, disse ele: "Comecei a ler as Santas Escrituras sobre os meus joelhos, deixando de lado todos os outros livros, e orando, se possível, sobre cada linha e palavra...

"Oh! que doce comunhão mantinha diariamente ... com Deus ao orar...! Quão seguro me sentia de que Cristo habitava em mim, e eu nEle! e como andava eu na consolação do Espírito Santo e era edificado e refrigerado com a abundância de paz! Não que eu estivesse sempre no monte; algumas vezes uma nuvem me envolvia; mas o Sol da justiça logo irrompia e a dispersava, e eu sabia que era Jesus Cristo que Se revelava a minha alma.

"Eu sempre observava, quando minha energia interior aumentava, de maneira que minha esfera exterior de ação aumentava proporcionalmente.... Durante meses eu estivera quase sempre sobre meus joelhos, para estudar e orar.... De tempos em tempos, o Espírito Santo me tem levado o conhecimento de coisas divinas, e tenho sido orientado, ao vigiar e ler a Escritura dessa maneira, até os mais ínfimos pormenores das circunstâncias — tão claramente como o eram os judeus, quando consultavam o Urim e o Tumim do peito do sumo sacerdote."¹

Quando as igrejas de Londres se fecharam para ele, Whitefield fez dos mineiros de Bristol sua congregação. Logo estava pregando ao ar livre para vinte mil pessoas que permaneciam de pé com "lágrimas a lhes fazerem sulcos brancos através do pó de carvão que lhes cobria o rosto". Fre-

qüentemente seus sermões se estendiam por quatro e mesmo seis horas; mesmo assim, seu auditório permanecia, às vezes na chuva, para ouvir-lhe a mensagem.

A oração e o estudo da Bíblia combinavam-se para comunicar poder aos 18 mil sermões que ele pregou em dois continentes.²

Alexander Maclaren (1826-1910) iniciou seu ministério em um tranqüilo e obscuro lugarzinho onde podia dedicar tempo a sua Bíblia. Despertando ao alvorecer e estudando durante nove ou dez horas por dia, era capaz de dedicar uma média de sessenta horas a cada sermão.

Passava grande parte do seu tempo de estudo meditando pacientemente sobre uma passagem da Escritura, enquanto comungava com o seu Autor. Ele denominava isso de "incubação do texto". Sua vida de oração inflamava o combustível reunido em suas horas de estudo. Ele tem sido mencionado como a dizer: "Sempre tenho observado... que minha própria... eficiência ao pregar (tem) estado em proporção direta à frequência e profundidade de minha comunhão diária com Deus."³

Numa época em que muitos de seus contemporâneos estavam aceitando a moderna alta crítica e idéias cépticas a respeito da Bíblia, ele continuou a crer firmemente em sua divina inspiração e em que ela era o melhor expositor de si mesma. Ele advertia: "Estas opiniões não brotam, não se formam pelo trabalho paciente, mas são importadas para a mente dos seus novos possuidores, e preparadas na Alemanha ou em outro lugar qualquer, mas não em seu próprio culto. Necessitamos relembrar... as maldições pronunciadas sobre duas classes de profetas: 'os que ocultam a palavra, cada um ao seu coapanheiro, e os que profetizam o que vem do seu próprio coração, não tendo visto nem ouvido nenhuma voz vinda do alto.' Devemos estar certos de que estamos firmados em nossos próprios pés e vemos com nossos próprios olhos; por outro lado, devemos verificar se a Palavra, no sentido em que a aplicamos, está de acordo com o mais profundo sentido, não nosso, mas de Deus. Em primeiro lugar, temos que lidar com Ele e reprimir o egoísmo, para que Ele possa falar."⁴

Às vezes não acreditamos naqueles que "se levantam cedo e trabalham até tarde". Maclaren confessava francamente que

uma hora de sono cada noite fazia parte importante de sua rotina diária. Ele dedicava também duas horas cada dia atendendo os enfermos e fazendo visitas especiais. Mas do princípio ao fim do seu ministério de quarenta e cinco anos em Union Chapel, em Manchester, Inglaterra, ele deixava os compromissos sociais e repetia as visitas para outro diálogo com as pessoas. Nada podia impedi-lo de preparar suas exposições bíblicas para as duas mil pessoas que se apressavam para ouvir o evangelho.

Como "o pregador dos pregadores" da Inglaterra, Maclaren é conhecido por suas *Expositions of the Holy Scriptures* (Exposições das Escrituras Sagradas). "Meu trabalho", dizia ele, "tem sido... pregar a Jesus Cristo como Rei da Inglaterra e o Senhor de todas as outras comunidades, e o Salvador e Amigo da alma do indivíduo."⁵

John Nevins Andrews (1829-1883), erudito pioneiro adventista do sétimo dia, autor de obra literária, e o primeiro pastor adventista americano enviado ao estrangeiro, adquiriu bem cedo profundas convicções religiosas. Por questões de saúde, foi forçado a abandonar a escola aos 11 anos de idade. Quando trabalhava na chácara de seu pai, levava sempre um livro no bolso e aproveitava, ainda que fossem alguns minutos apenas, para ler. Encontrou o Salvador quando tinha 13 anos de idade e dedicava suas energias ao Despertamento do Advento que empolgou o mundo nos anos 30 e 40.

Andrews tornou hábito levantar-se às quatro horas da manhã e passar duas ou três horas antes da primeira refeição estudando a Bíblia e orando. Seu amor à Bíblia, levou-o a concentrar nela suas pesquisas intelectuais. Por conta própria, aprendeu um a um, grego, latim e hebraico, de maneira que podia estudar a Palavra de Deus nas línguas originais.

Quando tinha 17 anos, foi considerado tão intelectual que seu tio, um membro do Congresso, ofereceu-se para fazê-lo ir, através de lei, a Harvard, Dartmouth ou Yale. "Farei arranjos para que você seja aceito, pagarei toda despesa e comprarei sua roupa", prometeu seu tio. "Você poderia ter uma carreira brilhante. Se for um pregador do sábado, ninguém jamais o ouvirá." O tio de Andrews queria que ele fosse seu sucessor no Congresso. John, contudo, havia dedicado a vida à vocação mais elevada da proclamação da verdade de Deus.⁶ Ele entrou para o ministério adventista com a idade de 21 anos.

Sua escolaridade levou-o à obra editorial, bem como à pregação, tanto na Europa

como nos Estados Unidos. Ao ponto de ter publicado 170 mil palavras num período de três anos! É difícil saber como encontrava tempo para escrever, uma vez que ele andava de dia e pregava à noite. Não admira que se tivesse gastado prematuramente.

Sua vida devocional fez dele um homem poderoso na oração — e outros chegaram a reconhecer isso. Quando Tiago White, então presidente da Associação Geral, tornou-se gravemente enfermo, pediu a Andrews que viesse e orasse em seu favor. Andrews veio e, juntamente com outros pastores, ungiu o Pastor White. Suas orações foram atendidas; o Pastor White se recuperou.

Próximo do fim de sua vida, circularam rumores de que ele decorara a Bíblia toda. Um amigo arriscou: "Eu ouvirei, se você for capaz de repetir toda a Bíblia de cor."

Ele sorriu, e disse: "No que se refere ao Novo Testamento, se ele fosse eliminado, eu poderia reproduzi-lo palavra por palavra; mas não poderia dizer a mesma coisa do Antigo Testamento."

Sua estrutura como homem culto, escritor e pastor pode ser grandemente atribuída ao estudo intenso, oração fervorosa e inteira dedicação a Cristo.

Alexander Whyte (1836-1921), da Igreja Livre de São George, Edinburg, notável pregador escocês de sua geração, usava sua interfoliada Bíblia como sistema de arquivamento, comentário e livro de referência. Não possuindo memória prodigiosa de homens como Charles Spurgeon ou Henry Ward Beecher, necessitava dessas anotações à mão no livro que mais usava.

Em "A Minister's Compensations" (Compensações do Ministro), trabalho que escreveu aos setenta anos de idade, ele afirma que o privilégio de dedicar-se à Palavra é a maior recompensa do trabalho de um pastor. "Aquilo que se dá ocasionalmente com outros, é, ou pode ser, contínuo com relação a mim", disse ele. "De manhã, ao meio-dia e à noite minha Bíblia deve achar-se em minhas mãos."⁷ Diariamente dedicava de quatro a seis horas ao seu estudo.

Ele não limitava seu estudo à Bíblia, naturalmente. Seus dois a três meses de férias de verão eram inteiramente preenchidos com leitura, meditação e escrita; e durante esse tempo, ele fazia planos minuciosos para cada serviço regular para o ano seguinte. Ele introduziu o costume de fazer estantes nessas férias laboriosas, e as usava para organizar suas biografias de *Bible Characters* (Caracteres da Bíblia) e outros livros, aulas e sermões.

Com respeito a seus livros prediletos, dis-

se ele: “Se, finalmente, tivesse de preparar-me antes de morrer, saberia quais as grandes obras-primas da salvação que colocaria na estante mais próxima de minha cama. Quereis que mencione algumas delas? Meu Novo Testamento; e os livros ‘Paraíso’, ‘Bunyan’, ‘Repouso dos Santos’, ‘Rutherford’, ‘Olney e Wesley, de minha autoria.’”⁸ “Lede os melhores livros, somente os melhores e cada vez melhores, à medida que envelhecerdes. Nada, senão aquilo que é nobre; coisa alguma, a não ser o que é digno de vós mesmos; nada mais senão aquelas verdades clássicas do mundo eterno — mais e mais, até que toda a vossa alma se ache delas inflamada.”⁹

G. Campbell Morgan (1863-1945), famoso pastor da Capela de Westminster, Londres, era filho de um pregador batista. Ele recebeu instrução para ser professor e mergulhou nas sombrias trevas de Darwin, Huxley e Spencer. “Houve um momento no qual não estava certo de coisa alguma”¹⁰, disse ele. Ele penetrou e se debateu nos “corredores secularistas” durante três anos.

Aos 20 anos de idade, em desespero, fechou todos os outros livros, comprou a Bíblia, e fez dela seu principal estudo. A partir desse estudo desenvolveu um estilo de ensinamento por meio da pregação, e de conteúdo que atraía a milhares cada semana. Sua reputação como notável expositor da Bíblia, levou-o a ser chamado novamente para um segundo pastorado na Capela de Westminster.

Entrando em seu escritório às cinco ou seis horas da manhã, fixava a aguçada mente na Bíblia, e não permitia a si mesmo ser perturbado durante as horas da manhã. Ele falou da leitura do livro de Êxodo de uma sentada por quarenta vezes antes de começar a escrever suas notas expositivas para *The Analyzed Bible* (A Bíblia Analisada). Desse estudo, vieram setenta volumes de exposição, sendo os maiores *The Crisis of Christ* (O Momento Decisivo de Cristo).

Como aconteceu com Maclaren, G. Campbell Morgan viajou muito, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos. Enquanto viajava, lia constantemente a Bíblia no trem.

Sendo, na verdade, um professor, e tendo a arder-lhe a alma pelo estudo da Palavra, lançou suas famosas classes bíblicas de sexta-feira à noite, as quais atraíam os 140 ou mais membros do Parlamento, médicos, enfermeiros, soldados, marinheiros e servidores. Muitos tomavam o ônibus ou viajavam em pé nos trens subterrâneos para ir à capela depois de um dia de trabalho estafan-

te, não para serem divertidos, mas para receberem o alimento espiritual sólido da Palavra de Deus.

H. M. S. Richards (1894-1985), fundador do programa radiofônico internacional A Voz da Profecia, era um pregador da Bíblia. Seu pai foi um pregador nos Estados Unidos; seu avô, pregador metodista leigo em Cornwall; e um de seus antepassados foi pregador itinerante, juntamente com João Wesley.

“A maior escola bíblica a que já assisti foram as explicações da Bíblia, feitas por meu pai no culto em família”, lembrava-se ele, acrescentando: “Minha mãe me ensinou a decorar a Escritura antes que eu aprendesse a ler.” Apesar de um olho lesado aos treze anos de idade, Richards lia avidamente, dispensando maior atenção à Bíblia. Às vezes podia ser visto lendo enquanto percorria os mil e seiscentos metros de sua casa até o escritório.

Ellen White e João Wesley eram seus autores prediletos, e seus assuntos preferidos história e biografia. A leitura variada enriqueceu-lhe os sermões com alusões literárias, fatos históricos e descobertas recentes, os quais serviram para manter o interesse de uma variedade de ouvintes.

Ele descreveu seu programa diário da seguinte maneira: “Quando abro os olhos pela manhã ... oro — ali mesmo na cama, antes de levantar-me — pelo dia e pelo meu trabalho. Em seguida, tomo meu Testamento e leio.... Após o desjejum, saio para o trabalho em minha biblioteca de cerca de mil volumes.... Meu tempo criativo está na parte da manhã. À noite posso ler, escrever cartas, falar com as pessoas. Mas para criar — escrever poesia, preparar mensagens para o rádio — uso a parte da manhã.”¹¹

“Procuo fazer do Mundo a última coisa acerca da qual devo pensar à noite.... Leio algo não pertencente a ele antes de dormir.”¹²

Cada Ano Novo sua principal prioridade era deixar de lado todas as demais coisas e ler a Bíblia de ponta a ponta — às vezes em poucos dias, mas algumas vezes em poucas semanas. Depois disso, ele a lia mais seletivamente durante o resto do ano. Considerava cada nova versão uma oportunidade para descobrir novas nuances de significado na Palavra de Deus.

Sua vida de oração fortaleceu-lhe a dedicação à vida cheia do Espírito. Recordo-me sempre do barulho suave do seu local passo colado ao chão, quando ele passava por nossa casa, subindo a colina até o local onde costumava orar. Ele dizia: “Oro antes de qualquer trabalho. Dedico um tempo espe-

cial à oração, quando abro a Bíblia.... Oro em favor de cada mensagem que escrevo... Necessito... estar sempre em atitude de oração... acostumar-me com a presença de Deus."¹³

Em uma placa em sua casa de infância, lê-se: "Cristo é o cabeça desta casa, o Hóspede invisível em cada refeição, o Ouvinte silencioso de cada conversação." A Presença Divina tornava-se real para ele quando imaginava onde Cristo estava e como podia estar a guiá-lo.

Ele via cumprirem-se constantemente as ponderações de seu avô moribundo: "Você será um pregador. Apresento-lhe alguma coisa de I Cor. 2: As coisas espirituais se discernem espiritualmente. Se você for um ministro, deve ser um homem espiritual. Você nunca poderá entender a Bíblia a menos que seja espiritual."

Um verso do qual ele se serviu para seu "poema inacabado" representa o realce de seu ministério:

Tem fé em Deus —
Busca a verdade — não demores;
Tem fé em Deus —
As Escrituras busca hoje;
Tem fé em Deus —
A Sua Palavra Santa obedece.
Tem fé, querido amigo, em Deus.¹⁴

O exemplo de Jesus

Que dizem os Escritores Sagrados sobre o estilo de vida devocional de Jesus, que poderia servir de modelo para nós? De Sua vida de oração, lemos que Ele despertava cedo para orar (S. Mar. 1:35), mesmo que, às vezes, tivesse passado toda a noite em oração (S. Luc. 6:12); que Ele considerava sua importância grande o suficiente para retirar-se de Seu ministério direto em favor das pessoas, e buscar um lugar tranquilo para orar (S. Luc. 5:16); que as Escrituras atribuem o poder do Espírito Santo em Sua vida, diretamente a Sua vida de oração (S. Luc. 9:18-20); e que na mente de Seus discípulos, Sua vida de oração vinha-lhe em apoio da reivindicação de liderança espiritual (S. Luc. 9:18-20). Foi durante Sua luta em oração no Getsêmani que Ele conquistou a vitória que O preparou para a cruz (S. Mat. 26:36-46). Se cada ministro usasse seu lugar de oração com tanta frequência como o fez Jesus, veríamos maior poder no púlpito.

E quanto a Seus hábitos de estudo? Ele não era formalmente preparado. O pragmatismo de Sua pregação e a profunda sim-

plicidade das verdades que ensinava, levaram os mestres do Sinédrio a perguntarem: "Como pode Ele saber tanto, quando jamais foi a nossas escolas?" (S. João 7:15, T.L.B.)

Não devemos concluir que o estudo formal desviará do bom caminho do pregador, mas o exemplo do Salvador indica que Ele dispunha de outra fonte de preparo teológico para pregar. Como podemos penetrar nesta fonte de conhecimento? Como podemos, na condição de pregadores, vestir hoje a verdade com a roupagem verbal nova, penetrante e inteligível? Qual era o processo de meditação, a metodologia devocional, que era tão eficaz para Jesus?

Uma vez que as respostas diretas não se encontram disponíveis, aventuremo-nos a estas suposições: Jesus podia ler — e o fazia — provavelmente em rolos semelhantes aos descobertos em Qumran. Uma vez que é improvável que Ele levasse consigo os rolos durante Seu ministério itinerante, Suas freqüentes citações do Antigo Testamento indicam que Ele decorava grandes porções da Escritura. Muito deste aprendizado provavelmente se tenha dado durante os "anos de anonimato" em Nazaré, anteriores a Seu batismo. Sua vida de oração consistia em meditação, comunhão com o Pai e aplicação das promessas, mais do que em recitar uma lista de carência de coisas.

Se essas suposições tiverem validade, a pregação vulgar pode ser enriquecida suplicando as promessas em momentos e lugares contemplativos e quietos; apresentando ensinamentos bíblicos em linguagem moderna, para satisfazer as necessidades presentes; incrementando o estudo, a memorização e a citação das Escrituras; e ajudando os membros a fazerem o mesmo.

Muitas pregações atuais são a variedade de "alça-de-bota" que melhor seria se fosse feitas por um psicólogo do que por um ministro do evangelho. Esses sermões raramente perduram além do seu tempo. As grandes pregações bíblicas, contudo, vão além — baseadas, como geralmente o são, em hábitos devocionais semelhantes aos praticados pelos grandes pregadores do passado.

1. George Whitefield, *A Short Account* (1740), em Harold L. Calkins, *Master Preachers: Their Study and Devotional Habits* (Washington, D.C.: Review and Herald Publ. Assoc. 1960), págs. 14 e 15. 2. Calkins, *op. cit.*, págs. 13 e 14. 3. Em A. H. Currier, *Nine Great Preachers*, citado em Calkins, *op. cit.*, pág. 38. 4. *Idem*, pág. 40. 5. Em F. R. Webber, *A History of Preaching in America*, citado em Calkins, *op. cit.*, pág. 40. 6. Virgil Robinson, *John Nevins Andrews: Flame for the Lord* (Washington, D.C.: Review and Herald Publ. Assoc., 1975), págs. 18 e 19. 7. Em Calkins, *op. cit.*, pág. 52. 8. Em Webber, *op. cit.*, citado em Calkins, *op. cit.*, pág. 52. 9. Whyte, *The Apostle Paul*, em W. M. Smith, *Chats From a Minister's Library*, citado em Calkins, *op. cit.*, pág. 53. 10. Em Calkins, *op. cit.*, pág. 59. 11. H. M. S. Richards, "Habits That Help Me", em Calkins, *op. cit.*, pág. 9. 12. *Ibidem*. 13. *Idem*, págs. 9 e 10. 14. Kenneth W. Wilson, ed., *Walking Throught Your Bible With H. M. S. Richards* (Mountain View, Calif.: Pacific Press Pub. Assoc., 1983), pág. 12.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE PREVENÇÃO

DR. RICHARD A. HANSEN

Diretor do Instituto de Saúde Poland Spring, em Poland Spring, Maine

Manter uma boa saúde pode ser um verdadeiro desafio, em especial para os pastores. Como repousar e praticar exercício de maneira adequada e ter uma dieta apropriada? E como combater os germes que você encontra na visitação diária?

É sempre um privilégio prestar auxílio médico ao pastor, pois os esforços feitos no sentido de ajudar os ministros a reaverem a saúde e evitarem a doença são  s vezes multiplicados grandemente nas b n os que se estendem a seus familiares, aos membros da igreja e a toda a comunidade.

Dessa maneira, meu amigo pastor, quando você ler este artigo, aprender  alguns dos segredos da longevidade, paz mental e da preven o de muitas enfermidades comuns. Ao aplicar estes princípios, poderá multiplicar sua eficiência como ministro de Deus, dando um bom exemplo e reduzindo os riscos pessoais de contrair doenças.

O problema mais comum

O problema mais comum, que me é apresentado pelos pastores, em geral   cansaço. Fadiga, parece ser o denominador comum de vidas intranqu las. É o dividendo de uma ocupa o não muito bem recebida, de um serviço ministerial intenso. Ao passo que a causa da fadiga é muitas vezes complexa, o remédio em geral é bem simples. Um dos principais fatores na condu o gradual da fadiga e da exaustão é a priva o do sono. O antigo adágio de Benjamin Franklin: "Dormir cedo e despertar cedo tornam o homem sa davel, próspero e sábio" ainda   válido. O que é uma boa n ticia para o pastor (embora nenhum médico possa garantir a parte da "riqueza" a seu paster). Biologicamente falando, duas horas completas de sono, antes da meia-noite, equivalem — para a regenera o do cortisol o desenvolvimento de hormônios e outros fatores endócrinos — a quatro horas de sono depois da meia-noite.¹ Deitar-se ce-

do, contudo, pode ser difícil, principalmente para os pastores. Com reuniões da comissão, estudos bíblicos e comparecimento a programas realizados à noite, nem sempre pode ser fácil pôr em prática "deitar cedo". Mas pelo menos de quando em vez   possível. Planeje as reuniões. Prepare a agenda com antecedência e atenha-se a ela.

Horas que deviam ser usadas para dormir, são  s vezes gastas diante da televisão, lendo revistas, debruçado na janela, depois de um dia de atividade. V  para a cama às nove e meia, quando possível; deixe a janela semi-aberta para ventila o, e apague a luz. Deixe a congrega o saber que você vai para a cama a tempo. Isto ajudar  a diminuir aquelas chamadas telef nicas desnecessárias tarde da noite.

O sossego é vital para regular o cérebro e os nervos. Considere seu quarto   prova de som. Por certo, um ambiente rural tranquilo é o melhor lugar para casa pastoral; mas, se isso não for possível, talvez você precise utilizar o efeito simulador de um ventilador ou outro meio seguro de ruído, para ajudar a diminuir o barulho da cidade   noite. Ou quem sabe, você precise utilizar tampão nos ouvidos para ajudá-lo a repousar melhor. Sete a oito horas de sono cada noite são suficientes para a maioria das pessoas. Contudo, se perdas cr nicas lhe solaparem gradualmente as energias, busque um "oásis" ou retire, onde o corpo possa de novo refrigerar-se e suas "baterias" ser recarregadas.

O ar fresco   indispensável ao repouso e   saúde do corpo. A presença benéfica das árvores, em especial as coníferas, ajuda a produzir iones negativos de oxig nio, os quais produzem uma sensa o de bem-estar, paz e energia. A refrescante brisa das ondas do mar, o "ar elétrico" produzido pela trovoada, ou o ar puro que circula pelo quarto ajudam também a tornar repousante o sono.² Evite, contudo as correntes de ar, e mantenha aquecidas as extremidades como um auxílio adicional contra o resfriado comum.

O desjejum nutritivo pode também ser um grande auxílio para vencer a fadiga. A maneira como você se sente à noite depende mais do que come no desjejum do que naquilo que você tem para lanchar. Uma bebida quente de cereal, dois ou três pedaços de frutas e torradas com pasta de amen-

doim (ou algumas nozes), proporcionam-lhe a proteína, a energia, os complexos carboidratos, e as calorias de que necessita para manter-se em movimento o dia todo.

Tanto quanto possível, o desjejum deve ser a refeição mais nutritiva do dia, ao passo que o jantar deve ser leve e tomado várias horas antes de ir para a cama. O costume dos Estados Unidos de pouco ou nenhum desjejum, merendas entre as refeições, um pequeno lanche e, finalmente, uma lauta refeição à noite é o caminho certo para a obesidade com todos os seus riscos para a saúde.

Combate à infecção

O regime alimentar pode também ser importante na resistência às enfermidades. A alimentação com baixo teor de açúcar pode ajudá-lo a diminuir as possibilidades de infecção. Uma dieta dessa natureza ajuda a conservar seu sistema imunológico em ótimo estado de resistência, porque permite que a lisozima (enzima secretada pelas membranas mucosas e presente nas lágrimas, narinas, saliva e aparelho respiratório) opere com a máxima eficiência. Essa enzima protege contra os muitos germes ao apertar a mão das pessoas na porta da igreja, ir a jantares em família e segurar bebês nos braços.

A principal causa de impossibilidade de assumir o púlpito, não poder fazer visitas e de não conseguir gozar bem as férias é o resfriado comum. Irritações da garganta podem acometer os pastores pouco antes da hora do culto, ou contrariar planos maravilhosos para um acampamento ou retiro. Eu estava viajando de trem para uma reunião campal, alguns anos atrás, e tive a desventura de viajar toda a noite com o vento do condutor de ar frio soprando diretamente no alto da minha cabeça. Eu não podia impedir a corrente de ar nem mudar de lugar, porque o trem estava cheio. Os cobertores eram insuficientes para impedir o frio. Quando cheguei ao destino, estava com laringite, e minha voz já estava rouca. Como me senti agradecido por um simples remédio caseiro, chamado compressa quente! Esse tratamento hidroterápico simples é sempre útil em tais circunstâncias.

Com a ajuda de uma compressa e a promessa do Salmo 5:3: "Pela manhã ouvirás a minha voz, ó Senhor", cheguei a minha aula de hidroterapia disposto e capacitado para ensinar.

A Hidroterapia é um remédio poderoso. Essa maneira antiga de usar a água é gran-

demente eficiente. O banho sedativo ou neutro é um excelente meio de relaxar e acalmar os nervos. Quando pressentir que vai ter um resfriado ou alguma doença parecida com gripe, torne o banho mais quente, a fim de que possa transpirar livremente. Esfrie a cabeça freqüentemente com uma toalha embebida em água fria e torcida. Beba bastante água ou chá, e depois se atire na cama. Procure dormir uma ou duas horas a mais. Atacar os germes contagiosos ao primeiro sinal da doença é a melhor maneira de ganhar a batalha. Outros pormenores sobre a maneira de usar a hidroterapia podem ser obtidos em meu livro *Get Well at Home*.⁴

Ao lado da hidroterapia — água por fora — está a água por dentro. Muitos pastores tomam muito pouca água. Indo de um compromisso a outro, de uma para outra igreja, o corpo desidrata-se rapidamente. Na realidade, a pessoa necessita de cerca de um terço a mais de água do que a exigida pela sede. E nada melhor para a hidratação do que água pura e fresca, como a de uma fonte ou poço. É cada vez maior o número de consumidores que estão comprando água engarrafada ou um destilador, embora isto normalmente seja desnecessário se estiver disponível um suprimento doméstico de água pura. Lembre-se de levar água potável em seu carro, ao viajar. Depois de um ou dois copos, ao levantar-se, vá atender aos compromissos, levando certa quantidade de água. Esteja certo de ter tomado sua quota de oito copos de água, aproximadamente, antes de anoitecer. A água é um meio eficaz de evitar dor de cabeça e congestão.

Juntamente com o aborto, as doenças das coronárias encabeçam a lista dos assassinos comuns hoje. Denominado "o flagelo do colarinho branco", o ataque cardíaco tira a vida de mais de 500 mil americanos cada ano.⁵ As causas corrigíveis que lideram os ataques cardíacos hoje são bem definidas — falta de exercício, regime alimentar gorduroso e com índice elevado de colesterol, uso excessivo de açúcar, obesidade, pressão alta, estresse e o hábito de fumar.

Estava assistindo a uma reunião da mesa administrativa de nossa Associação, quando chegou um pedido de oração em favor do Pastor H, que ia submeter-se a uma cirurgia para a colocação de ponte de safena. Eu conhecia aquele homem, um ativo e afetuoso companheiro no começo dos seus 60 anos. Três anos antes, eu o vira com a aparência de doente e sugeri que ele fizesse um curso de recuperação em nossa institui-

ção de saúde. O pastor não se mostrou interessado, e a administração também não estava convencida. Ele perguntou: "Por que não posso apenas orar, fazer o melhor que puder, e deixar que o Senhor cuide de minha saúde?" Ao vê-lo, porém, recuperar-se lentamente de uma tripla ponte de safena, convenci-me de que mais vale uma pitada de prevenção do que u'a mão cheia de cura. Um programa de exercício cuidadosamente apresentado em um retiro de prevenção da saúde, uma dieta especial (sem colesterol e com baixo teor de gordura, e calorias controladas) contra as doenças das coronárias, e orientação sobre o controle do estresse, salientando a harmonia com a Natureza e a paz com Deus, têm trazido alívio a muitas pessoas. Por que não podia ele agir em favor de um pastor?

O exercício matutino é uma maneira saudável de começar o dia. Andar ao ar fresco do dia, cultivar o jardim, cultivar o solo, tudo contribui para aumentar o agradável contato com a Natureza. É fácil o pastor ocupado negligenciar o exercício. Para ser mais benéfico, porém, o exercício deve tornar-se hábito e parte de nosso estilo de vida. O melhor exercício, naturalmente, é aquele de que você gosta tanto que pode realizá-lo pelo resto da vida. Quando no cumprimento do dever o estresse pastoral se tornar mais intenso, juntamente com o tempo suplementar gasto com oração, use mais tempo no estiramento e fortalecimento de seus músculos. Lembre-se de que Eli-seu era agricultor. E de que depois do maior milagre de Paulo, a ressurreição de Eutico, o apóstolo andou a maior parte do dia em lugar de viajar com os companheiros (ver I Reis 19:19; Atos 20:13).

Precisais dedicar no mínimo uma hora por dia ao exercício, a fim de conservar em bom estado a aptidão física. Isto significa andar no mínimo de cinco a seis quilômetros, trabalhar fisicamente em vosso jardim, cortar madeira, ou mesmo outros tipos de atividades aeróbicas vigorosas. Mesmo correr, nadar, andar de bicicleta e outros esportes podem ser suficientes, se os praticardes regularmente.

Prevenção contra o câncer

O segundo assassino mais comum de adultos é o câncer. Embora o câncer assumam muitas formas, os tipos mais comuns de cânceres são os do pulmão e do aparelho digestivo nos homens, e os do seio, do pulmão e do útero nas mulheres. Os exames regulares são importantes para descobrir

os primeiros sinais de advertência. A Sociedade Americana do Câncer publicou sete sinais de perigo. Mas, lembrai-vos, o fator mais importante na prevenção é o estilo de vida. Nada contribui mais para evitar o câncer do que a abstinência de fumo. Não obstante, a alimentação adequada é de igual importância, e uma crescente gama de literatura apóia o valor de um regime vegetariano.

Os conservantes de nitrito, usados em muitos alimentos curados e preparados, como a salsicha, são muito perigosos. No estômago, eles formam nitrosaminas, agentes produtores de câncer.⁶ Os defumados contêm grandes quantidades de benzopireno, um dos cancerígenos encontrados no cigarro.⁷ A inspeção de animais para consumo é grandemente arriscada. Animais doentes aparecem no mercado ou são servidos em restaurantes e escolas. A poluição está aumentando o risco para os animais, e os tumores cancerosos estão surgindo de maneira crescente no fígado, olhos, pele e outros órgãos do boi, aves domésticas e suínos. Uma forma de evitar esses problemas é uma dieta vegetariana.

Um dos benefícios do regime alimentar baseado em frutas, verduras, grãos e nozes é que muitas plantas comestíveis contêm propriedades nutritivas que revelaram aumentar a imunidade e evitar a formação de câncer.⁸ Os inibidores da tripsina da soja, as lactonas dos grãos integrais, a fibra, a vitamina E, o selênio dos cereais completos e a vitamina C das frutas e verduras são alguns dos agentes benéficos identificáveis, encontrados em uma dieta mais parecida com a que foi dada a Adão no Éden.

A boa dieta produz resultados

O Estudo Adventista da Saúde de mais de 25 mil adultos na Califórnia revelou alguns fatores interessantes. Esse grupo, do qual 50% eram vegetarianos, sofre muito menos ataques cardíacos do que a média dos americanos. A duração da vida projetada para os homens de meia-idade (entre 35 a 40 anos) é 6,2 anos maior do que o da população em geral. Junto com a posição de não fumante, da Igreja Adventista, que responde por metade da vantagem, não há dúvida de que o realce dado ao estilo de vida saudável e ao regime vegetariano desempenham papel saliente.¹⁰ O Estudo de Framingham, Massachusetts, dirigido pelo Dr. William Casteli, revelou que os indivíduos cujo nível de colesterol no sangue é de 150 mg por cento, ou menos, quase nunca têm

ataques cardíacos.

Sugerimos aos pastores conscientes da saúde que examinem seu colesterol no mínimo uma vez ao ano, como também os triglicérides, açúcar no sangue e pressão sanguínea, como parte de seu exame médico anual. Para a maioria das pessoas, um nível satisfatório pode ser alcançado pelo cuidadoso apego a um regime vegetariano, um programa regular de exercício e o controle adequado do estresse.

A esposa de um jovem aspirante ao ministério trouxe-o à clínica.

— Doutor — disse ela — meu esposo não é mais o mesmo homem de antes. Sua personalidade mudou; ele não é mais tão paciente com as crianças, e está perdendo rapidamente o interesse pelo chamado para o ministério.

Interroguei-a cuidadosamente, e logo descobri pistas suficientes para a causa. Para terminar os estudos e sustentar a família de quatro pessoas, o marido estivera ocupado em dois serviços, além de precisar estudar várias matérias. Ocupado de mais para comer, ele estava vivendo de refrigerantes, doces e um sanduíche ocasional ou uma beliscada rápida ao passar pela cozinha.

Minha sugestão foi simples: Não usar mais doces, repousar mais e diminuir as horas de trabalho. Os exames confirmaram minha suposição. Ele estava sofrendo de hi-

poglicemia reativa, uma doença do estilo de vida relacionada com açúcar, estresse e cafeína. Duas semanas depois o casal voltou radiante. De mãos dadas, tanto um como o outro pareciam felizes, e a saúde do esposo estava boa e a caminho da restauração.

As refeições regulares com alimentos naturais são importantes. Evitai os cereais açucarados, bebidas doces, sorvetes e os alimentos indigestos dos restaurantes. A alimentação indigesta é um meio eficaz de a pessoa contrair toda sorte de doenças degenerativas — a menos, naturalmente, que se dirija à mesa de saladas! E “desejo que te vá bem em todas as coisas, e que tenhas saúde, assim como bem vai à tua alma.” (III João 2).

O Grande Médico disse ao pastor bem como a seu rebanho: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (S. João 10:10). Há muito mais a ser partilhado, que poderia ajudar você, pastor, a obter melhor saúde. Muitos fatores preventivos são óbvios, porém, como obedecer ao limite de velocidade, usar o cinto de segurança, e dormir bastante. Mas depois dessa consulta de poltrona que tivemos, espero que deis prioridade a vosso estilo de vida. Começai a planejar daqui para a frente e obtereis melhor saúde física, dando assim um exemplo ao rebanho, sendo uma força para a família e dando muita glória ao Senhor.

O RENASCIDO E O NASCITURO

JOHN E MILLIE YOUNGBERG

Da Escola de Educação da Universidade de Andrews

*Como Considera Deus o aborto?
Deve a Igreja tomar uma posição?
Que princípios estão envolvidos?
Podeis não concordar, mas sereis
incentivados.*

Tem aparecido, em publicações adventistas, certo número de artigos e editoriais sobre o aborto. Algumas delas têm alegado que uma vez que a Bíblia não diz nada de definido quanto ao aborto facultativo, a Igreja deveria deixar o assunto para a esfera da consciência individual, em lugar de tomar uma posição sobre ele. Alguns artigos têm apelado para a liberdade e tolerância religiosa nessa questão, aparentemente

baseados em que nada de completo se acha envolvido. Essa contribuição não tem a pretensão de ser a palavra final nesse delicado assunto, mas a apresentamos como parte do diálogo que prossegue quando pesquisamos juntos para Deus.

As Escrituras contêm princípios relevantes para essa decisão. Se estes princípios forem claros e bem compreendidos, então não é preciso que as regras específicas decorrentes desses princípios sejam explicitamente estabelecidas nas Escrituras a fim de entender a instrução de Deus. Consideremos o aborto dentro dos parâmetros dos seguintes grandes temas ou proposições. Embora uma ou mais dessas proposições talvez não sejam tão persuasivas quando tomadas separadamente, a combinação de seu peso pode ser capaz de iluminar-nos quanto ao que constitui a vontade de Deus nessa delicada área.

1. A proposição da conformidade com a Escritura.

Tem-se apresentado o argumento de que não sabemos bastante a respeito de antropologia bíblica para definir as sutilezas de quando começa a vida. Consideramos nossa teologia na vanguarda do conceito cristão acerca do que ocorre quando a vida termina. É lógico, portanto, argumentar que a revelação divina foi insuficiente para esclarecer-nos a respeito de quando começa a vida? Dizer isto é, em última análise, caluniar o próprio Deus, pois como poderia Ele deixar-nos em escuridão tal, que fôssemos incapazes de fazer escolhas sábias que envolvem a vida e a morte?

2. Duas proposições baseadas no caráter de Deus

a. A proposição do aborto cósmico

Que fazemos quando as coisas vão mal e nos deparamos com a possibilidade ou probabilidade de opróbio, aflição e sofrimento por causa de ocorrências passadas? Deus criou o mundo, mas este se tornou mau. A perspectiva, a longo prazo, era desonra, difamação de Seu nome, sofrimento, a morte de Seu Filho e a separação do Filho, do Pai. O Senhor do Universo poderia ter apelado para o *aborto cósmico*. Podia ter abortado a família humana, ainda que tivesse decorrido pouco tempo desde o começo da raça. Ele poderia ter banido Adão e Eva e começado de novo. Dizemos que Ele poderia ter, mas na realidade Ele não poderia, pois isto não condiz com Seu caráter. Ele não fez uso do *aborto cósmico*, mas do *sacrifício cósmico*.

b. A proposição do amor *agape*

A característica fundamental de Deus, como é apresentada na Bíblia, é o amor, o amor que se sacrifica. O novo mandamento dado por Cristo é "que vos ameis uns aos outros; como Eu vos amei a vós" (S. João 13:34). Deveríamos tratar o nascituro, menino ou menina, como Deus o trata. Ele deseja que Seu amor seja comunicado por nosso intermédio. Mais do que isto, a maneira como tratamos a criança em gestação é a maneira como deveríamos tratar a Jesus. "Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes" (S. Mat. 25:40).

3. A proposição da criação

Do ponto de vista universal cristão, Deus é visto como Criador absoluto. Os seres humanos que "criam" a vida o fazem apenas como privilégio delegado por Deus. O aborto tem sentido, dentro do contexto de um ponto de vista universal materialista ou evolucionista, cuja filosofia nega a Deus como supremo Criador e acredita que o mais

forte pode sacrificar o mais fraco.

4. A proposição da criatividade

Se as relações sexuais, a concepção e a gravidez estão entre as atividades mais criativas em que o homem e a mulher podem tomar parte, então o que isto revela com relação ao aborto? Se uma dimensão é a síntese da criatividade, então a outra deve representar a síntese da destruição.

5. A proposição da redenção

A criança em gestação foi redimida pelo sacrifício de Cristo no Calvário. É a morte a recompensa cristã que deve ser dada ao comprado pelo sangue de Cristo? (Teologicamente, cremos que o bebê no ventre materno já foi redimido. Alguns podem discordar. A estes poderíamos dirigir nossa proposição: O nascituro é redimível.)

6. A proposição da soberania de Deus

A imprensa secular tem feito todo o assunto do aborto centralizar-se no direito da mãe versus o direito da criança em gestação. Refletindo mais demoradamente, porém, vemos que esse ponto de vista gira em torno dos direitos humanos de dois grupos. Nenhuma dimensão divina é mencionada até aqui. Que dizer, porém, dos direitos de Deus? Não possui Ele direitos inalienáveis além de Suas relações com Suas criaturas?

Alguns podem achar que a mulher tem o direito de fazer o que desejar com seu próprio corpo. A Bíblia responde: "Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai pois a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus" (I Cor. 6:19 e 20). A humanidade frágil pode pensar que conhece toda a situação, quando há apenas Alguém que realmente sabe, que é o próprio Deus. Devemos usurpar a divina prerrogativa da vida e da morte? Pela virtude de que conhecimento "perfeito" podemos assumir essa responsabilidade?

7. A proposição da prioridade da reverência pela vida sobre a liberdade de escolha

O poder de escolha é concedido por Deus e, certamente, de grande importância. Contudo, esse princípio não existe no Universo em solitário esplendor. Existem outros princípios universais. Temos aqui o exemplo clássico de um dilema moral. Dois princípios universais opõem-se um ao outro. Nesse caso, a liberdade de escolha deve ceder lugar, porque sua esfera não é absoluta e seu propósito concedido por Deus jamais foi que tenhamos a opção de tirar a vida de um indivíduo que não praticou nenhum ato contra Deus ou o homem. Dizemos que o

respeito para com a santidade da vida é de maior importância do que a liberdade de escolha. Contudo, o destino do escolhedor está em jogo. A Bíblia diz: "Os céus e a Terra tomo hoje por testemunhas contra vós, que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua semente" (Deut. 30:19). Afinal, a liberdade que Deus nos concede como legítimo direito não é a liberdade para tirar a vida inocente, mas para escolhermos quem será nosso senhor, Cristo ou o maligno.

8. A proposição da característica de adventista do sétimo dia

Afirmamos que o aborto facultativo viola os fundamentos da fé de qualquer comunidade religiosa bíblica, mas ele é grave de modo especial com relação aos adventistas do sétimo dia. A aquiescência ao aborto soblapa dois pilares da teologia que nos distinguem: 1) Nega a essência do sábado e 2) leva-nos a uma posição ambígua quanto à doutrina da natureza do homem.

Iniciemos pela segunda questão. Muitas religiões afirmam que numa ocasião não determinada a alma "infunde" o feto. Assim, talvez no segundo trimestre (ou em qualquer outra época) o feto, que até esse instante era basicamente animal, é cheio de uma entidade divina que o torna verdadeiramente humano e na imagem de Deus. A mesma lógica alega que essa entidade deixa o corpo, por ocasião da morte, e flutua em sua existência eterna com Deus ou vai para o fogo eterno. Os adventistas crêem que "o homem é indivisível". Por isso, essa divindade que se desenvolve está presente desde a concepção, e o aborto é a destruição dessa divindade, e um crime contra o próprio Criador.

O sábado encontra o seu significado no reconhecimento de Deus como Criador. A observância do sétimo dia no contexto das três mensagens angélicas de Apoc. 14:6-12, baseia-se no reconhecimento do poder de criar dAquele que fez o Céu e a Terra. Ao mesmo tempo em que o aborto nega a soberania e poder criador de Deus sobre uma de Suas criaturas, está negando a essência do sábado.

Podemos, como cristãos, permitir-nos ser neutros com relação a uma prática que tem sua origem e desenvolvimento histórico em culturas pagãs, e que encontra sua justificativa em um ponto de vista mundano que nega o criacionismo de Deus?

Concluimos estes pensamentos com uma deferência aos errantes, em favor de uma atitude redentora. Há entre nós aqueles

que têm praticado o aborto. A misericórdia de Deus é grande. Ele nos perdoa por amor a Cristo. Um sério problema em nossa Igreja é que muitas vezes é mais socialmente aceitável praticar um aborto do que ser uma mãe-solteira. Para divulgar isso, nossas igrejas e associações deveriam dedicar-se ao assunto e buscar alternativas. Os membros solícitos deveriam deixar suas próprias ocupações e dedicar-se à vida dos outros. Com corações ternos, devemos ir àqueles que estão em dificuldade, demonstrando-lhes amor e aceitação, bem como lhes proporcionando ajuda prática. Talvez alguns possam oferecer suas próprias casas a uma mãe-solteira. Quem sabe, necessitemos de lares especialmente fundados e providos de pessoal adequado, com essa finalidade, e localizados estrategicamente. Por certo, são necessários conselheiros cuidadosos para ajudar tanto ao pai como a mãe, da mesma forma que outros familiares, a trabalharem pelos seus sentimentos e a tomarem a decisão necessária, seja em favor do casamento, adoção, paternidade única ou a colocação do bebê na casa de um parente próximo da família. Programas que provejam aconselhamento, apoio moral e compreensão, bem como cuidado médico e legal, merecem nosso apoio e encorajamento.

Estamos no mundo, mas nossa conduta não deve ser do mundo. Olhemos de maneira devota para os dilemas éticos que estão diante de nós, e estejamos certos de que nossa posição se baseia no peso da evidência dos grandes temas bíblicos.

Estude a Bíblia com mais segurança e proveito

O valioso livro **Manuscritos do Mar Morto** traz, em linguagem simples e compreensiva, as contribuições dos mais preciosos manuscritos para o seu entendimento do Livro Sagrado. A Leitura da Bíblia tem outro sabor depois de conhecer este livro.

O CHAMADO

CHUCK MITCHELL (Pseudônimo)

Como decidir se aceita ou não um chamado para um novo pastorado? Um jovem pastor conta a história de dois chamados que recusou e de um que aceitou. Este artigo o estimulará a pensar sobre o critério que o ajudará a identificar o verdadeiro chamado do Senhor.

O Secretário Ministerial da Associação de Michigan estava pregando naquele dia em Indiana, bem na fronteira do Estado de Chicago. Ser-me-ia possível encontrá-lo em seu hotel naquela noite? Pus o telefone no gancho e refleti.

Eu estava indo para casa, procedente do lado Norte da cidade. Entre as cabinas de pedágio, minha mente em geral derivava para outros assuntos que não a estrada que estava em minha frente. O impacto da discussão acalorada sobre a dívida galopante da escola da igreja estava a diminuir-me o entusiasmo pelo pastorado. Meu alvo de batismo estava pouco acima de zero. Apesar do meu zelo inicial, não conseguia ver nenhuma prova de que todo o meu esforço produzisse a mais leve mudança na qualidade de vida de alguém.

— Senhor — orei, enquanto o vento soprava gelado no meu Fusca — tira-me daqui! Para qualquer lugar. Não suporto mais!

Quando já me encontrava em casa, o telefone tocou à noite, já um pouco tarde. — Matt! — exclamei — você não pode imaginar quão bom é ouvi-lo. O que esteve fazendo estes dias? Como vai a ensolarada Califórnia?

Depois dos cumprimentos cordiais e das perguntas de rotina, a respeito de outros amigos do seminário, ele foi ao ponto. Fora incumbido de saber se eu estava interessado em um lugar no quadro pastoral onde ele era pastor dos jovens.

Descreveu o trabalho: pastor de jovens adultos em uma das maiores igrejas adventistas do Sul da Califórnia. Havia vários outros pastores que faziam parte do grupo. Eles haviam obtido muito sucesso.

Eu estava maravilhado! Odeio o frio. Quando a temperatura cai para menos de

dez graus centígrados, procuro agasalhar-me bem. Detesto ainda mais as discussões sobre orçamento de escola e a cor do tapete para o subsolo da igreja. Não me sinto o perito em cada setor da igreja — coisa que as pequenas igrejas do subúrbio esperam que seja seu pastor. Sonho em deixar a direção para outro, e deixar para outras pessoas as visitas aos enfermos, de maneira que possa dedicar-me ao grupo “mais importante” da igreja — os homens de 20 a 50 anos de idade. Canso-me de ficar responsável por tudo no distrito, e não ter ninguém para desabafar-me; de ser o único recém-formado do seminário em toda a Associação, que fala o inglês falado nos Estados Unidos; de sentir-me isolado.

Será que iria gostar de rumar para o ensolarado Sul da Califórnia, e ser pastor de jovens adultos no mesmo setor em que dois dos meus amigos mais chegados trabalhavam?

Como saber se eu deveria ou não ir? Outro amigo está retirando seu apoio ministerial de um distrito de três igrejas, espalhadas pelas montanhas de Kentucky. Se o convite tivesse partido dele, faria eu ainda a pergunta? (O Senhor sempre chama para a frente e para o alto, não é?) Se a igreja a que eu estava servindo atualmente não estivesse tão envolvida em discórdia acerca de projetos irrazoáveis, se eu gostasse da vizinhança entre a qual vivo, se pudesse batizar uma porção de pessoas, se houvesse amigos do colégio ou do seminário perto, se eu gostasse de frio — se as coisas fossem diferentes — a pergunta não seria urgente.

Matt estava do outro lado da linha. Estudariam eles o meu nome junto com o dos outros candidatos potenciais?

Eu conhecia a resposta costumeira. Já ouvira os pregadores mencioná-la diversas vezes; já havia lido sobre ela nas histórias das missões: “Não sei; vou orar a respeito do assunto.”

Mas eu sabia. Queria o trabalho que Matt descrevia. Queria morar na Califórnia ensolarada, onde “todas as igrejas são grandes, ricas todas as congregações e estão na vanguarda todos os pregadores”. E sabia que me achava na fria e malancólica Oak Lawn. Estava naquele distrito. Juntamente com aquele povo de Deus. Orar sobre o assunto, seria tão-somente procurar mudar o plano de Deus. A lembrança de Balaão deixava-me paralisado.

— Não, Matt. — Embora tenha sonhado exatamente com o trabalho que me ofereceu, sei que ele não é para mim. Não sei como sei, mas sei. Vim para cá com a convicção do chamado de Deus. Não posso agir de outra maneira.

Depois disso, quando o vento soprava gelado no meu Fusca, durante semanas sonhei com os céus ensolarados. Imaginava um ministério exitante e com passos firmes, com um grupo de jovens adventistas dedicados e atrativos — e me levantava para pregar no sábado para uma pequena congregação suburbana, onde a média de idade era de 50 anos. E na segunda-feira do mês, sentava-me com a Comissão da igreja, onde a idade *mínima* era 50 anos, sem contar o pastor. E na segunda segunda-feira do mês, brigava na reunião da junta escolar. E quase todas as noites me sentia exausto e frustrado ao ir para a cama.

Tudo isso foi discutido naqueles poucos minutos de conversa telefônica com o Secretário Ministerial de Michigan.

— Você conhece o Pastor Robey? — perguntou ele.

— Não sei se já o vi.

— Ele falou bem de você. E o Pastor Grenn o recomendou elogiosamente. Estamos sempre pensando em bons ministros ... Gostaria de encontrar-me com você, se lhe convier.

Os sonhos se repetiram. Essa consulta inclui uma das duas igrejas que sempre sonho pastorear, afora a minha igreja atual. E recomendações! Uma de um homem que não me lembro de ter visto antes, e outra de um homem que morou em minha casa por três meses, que é tão velho que pode servir de pai para mim; que conhece minhas verugas melhor do que qualquer outra pessoa, com exceção de minha esposa. Situação difícil para um iniciante!

— Quanto tempo faz que você está na associação onde se encontra agora? — continuou ele.

— Quatro anos e meio.

— E na igreja onde está?

— O mesmo tempo.

— É ordenado ao ministério?

— Sim.

Conversamos mais alguns minutos. Falei-lhe do meu interesse especial pelo evangelismo urbano. Ele mencionou uma igreja da cidade que fora recentemente formada.

Contudo, não era conveniente encontrá-lo naquela noite. Minha esposa precisava do carro. Além disso, havia em algum lugar dentro de mim aquela mesma convicção: Você deve ficar onde está.

— Sinto-me honrado pelo seu convite — disse-lhe. — Tenho sonhado com pastorear uma de suas igrejas da cidade. Todavia, ainda que você me esteja oferecendo essa igreja, não sei o que levaria a convencer-me de que Deus me está chamando para sair do meu trabalho atual. Precisaria realmente de alguns sinais visíveis, suponho. Logo que for a Lansing, procurarei encontrá-lo. Estou contente por ter conversado com você, especialmente a respeito do ministério urbano. Por enquanto, porém, sinto-me chamado para onde estou.

Quando apresentei a primeira parte deste artigo à revista *Ministry*, ele terminava aqui. Recebi então uma anotação: "Gostamos do seu artigo, mas ele está incompleto. Recomendamos acrescentar mais algumas páginas, fazendo a pergunta: "Como se reconhece que foi chamado pelo Senhor?"

Tentei várias maneiras de terminar o artigo, mas elas nunca se distanciavam do fundamental. Jamais eu deixara uma igreja para ir para outra. Poderia agora escrever sobre uma experiência que nunca tivera? Deixar a igreja de estudantes na qual eu servira como pastor voluntário durante o seminário, dificilmente seria a mesma coisa. Por definição, a escola é provisória.

Quase dois meses depois de minha rejeição praticamente apressada de um chamado para "ser promovido" para uma igreja maior em outra Associação, eu era convidado a "descer" para uma igreja menor em minha própria Associação. E eu disse Sim.

Desde o meu tempo de segundanista no colégio, abrigara a inabalável convicção de que Deus me havia chamado para trabalhar em Chicago. Durante todo o curso, e um período como auxiliar no pastorado urbano, o senso da indicação divina para Chicago persistira. Nos quatro anos seguintes, porém, nos subúrbios, o senso do chamado para a cidade diminuiu. De forma maravilhosa, que suponho seja comum à maioria dos pastores, as pessoas do meu distrito — membros da igreja, bem como o público — tornaram-se *meu povo*. Certamente o chamado do Senhor poderia cumprir-se em fiel serviço naquele lugar.

Contudo, durante meus últimos dezoito meses como pastor da Igreja Adventista de Oak Lawn, eu estivera acompanhando um pastor da cidade em pequenas campanhas evangelísticas. Depois, achamos que era tempo de fazer uma nova e definitiva investida na vizinhança.

Alguns jovens das redondezas da igreja aceitaram o convite. Quando começaram a demonstrar interesse genuíno pelas lições

que havíamos preparado, a antiga convicção voltou; comecei a lutar com o senso de missão, de vocação para a cidade.

A administração da Associação havia pensado durante algum tempo em finalmente transferir-me para a cidade. Havíamos conversado sobre isso. Mas durante os cinco anos passados em Oak Lawn eu me tornara mais e mais atraído para o meu povo do subúrbio. Minha esposa e eu havíamos ido para uma igreja cheia de dívidas, dividida em facções, com poucas crianças e quase sem nenhum jovem. Depois de alguns dolorosos esforços, estávamos agora contentes com uma igreja cheia de jovens, animada na fé e desejosa de partilhá-la.

Financeiramente a igreja estava saneada. Não havia nenhuma facção da qual eu tivesse conhecimento; reinava um bom entendimento entre os idosos e os jovens. Os bebês que eu havia apresentado eram já criancinhas crescidas, capazes de manter uma conversação. Minha esposa havia feito algumas amizades íntimas e valiosas na igreja. Por que estragar uma coisa boa? Por que não permanecer perto, para manter a igreja numa contínua forma de crescimento — tanto em número como em espiritualidade?

Todavia, a cidade não era uma missão impossível. Já ouvira outros a ela se referirem como o cemitério dos evangelistas. Mas a convicção não devia ser abandonada — sentia-me chamado para a cidade. Como podia deixar Oak Lawn? Como podia deixar a igreja que estava tão de acordo com o meu ideal do que devia ser uma igreja? Como poderia deixar a igreja que confirmara meu chamado para o ministério e levou a minha ordenação?

Acredito na voz interior de Deus. Creio que Deus às vezes nos leva a fazer coisas que não podem ser explicadas. Mas como saber se a convicção não vinha de minhas ambições? Eu conhecia muitas pessoas cuja obediência a cada “chamado” lhes encheria a vida de compromissos não cumpridos, de planos realizados pela metade, de obrigações não satisfeitas.

A atração que eu sentia pela cidade, tornava-se cada vez mais forte. Ao mesmo tempo, estava percebendo a ruptura e sofrimento que minha saída causaria. De maneira que procurava avaliar esse apelo interior usando critérios um tanto mensuráveis.

Sentia que, tanto os novos membros, como os interessados de nossa última campanha evangelística em Raymund, achavam-se tão integrados à vida da igreja, ou foram levados a tal ponto, que continuar o traba-

lho em seu favor por meu intermédio, era uma prioridade pouco significativa. Alguns daqueles com os quais eu estive estudando a Bíblia ainda não haviam feito a entrega a Cristo. Mas eu havia estudado tanto com eles, que sentia ter cumprido minha obrigação de declarar-lhes todo o evangelho de Deus.

Havíamos pago todos os projetos maiores de construção pelos quais trabalhamos; a dívida da escola para com a Associação, que se arrastara por tanto tempo, estava sendo sistematicamente paga. A agitação e o facciosismo que por anos haviam caracterizado a igreja, fora resolvido. Foi restabelecida a fraternidade da igreja. A liderança jovem estava sendo escolhida e respeitada pelos mais idosos da igreja. Eu não podia deixar minha igreja com o coração alegre; podia deixá-la, porém, com a consciência tranqüila.

Acho até que, a despeito do meu amor à igreja e seu desejo de que eu permaneça, pode ela, de fato, ter chegado ao ponto de necessitar de uma espécie diferente de liderança que eu não poderia oferecer. Caso devesse ela continuar progredindo, outra pessoa deveria liderá-la. Em definitivo, eu não a estava deixando porque estivesse aborrecido ou decepcionado. Fazia-o porque sentia o chamado para outra responsabilidade urgente.

A igreja da cidade era uma antiga congregação de língua estrangeira. A média de idade dos membros era de 65 ou mesmo 70 anos. Com uma exceção apenas, todos os que tinham profissão de alguma espécie se haviam mudado. Embora a igreja tivesse capacidade para 350 pessoas sentadas, apenas trinta ou quarenta a freqüentavam, ainda que a assistência fosse exigida. Com a retirada do pastor, por este já anunciada, a igreja perderia sua identidade étnica. Muitos daqueles que moravam longe haviam começado a discutir a remoção dos membros para congregações mais próximas de suas casas. Dessa forma, se nenhuma providência fosse tomada até antes de o pastor sair, a igreja poderia ser deixada literalmente com apenas cinco a dez membros.

E não seria fácil encontrar alguém que pudesse assumir o pastorado e o fizesse. A localização da igreja, a condição de seus membros e a necessidade do trabalho durante meses, com a retirada do pastor, que nela estivera por mais de quinze anos, militava contra a igreja. Em contraste, eu pensava em minha igreja em Oak Lawn como em situação mais do que desejável.

Minha convicção pessoal a respeito do

ministério na cidade era confirmada com certa freqüência pelos colegas de ministério. Mas devia eu distinguir em suas palavras a voz de Deus ou de outro qualquer?

No início da terceira semana de maio, recebi o que cria ser a direção de Deus. Quando a Associação chamasse, eu estaria pronto para ir; e diria Sim.

No escritório da Associação, na terça-feira seguinte, assisti a uma reunião para todos os que iriam trabalhar com as divisões dos adolescentes e juvenis na reunião campal. O presidente pôs a cabeça na porta:

— Chuck, posso falar com você?

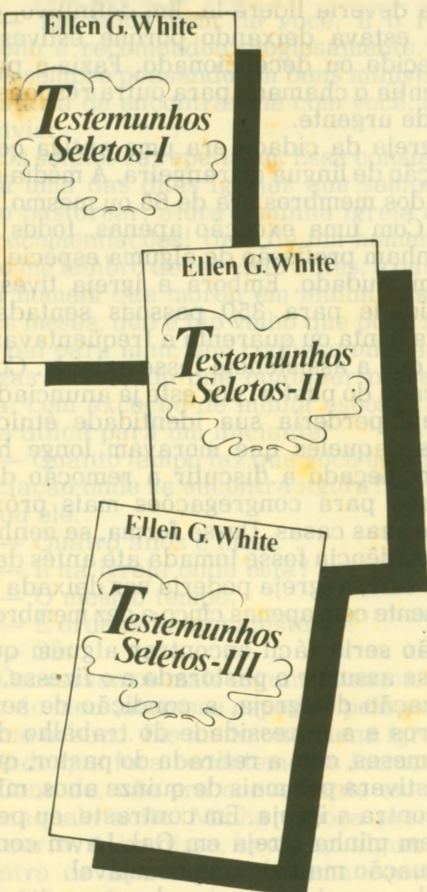
Estirei-me na cadeira. Precisaria ele falar comigo naquela hora? Não! Depois que terminasse a reunião seria melhor.

Na sala do presidente, depois dos costumes cumprimentos, sentamo-nos para discutir o seminário evangelístico da cidade. Ou o que eu pensava fôssemos discutir. Depois de oitenta e cinco segundos de conversação a respeito do seminário, ele foi ao ponto.

— Chuck, falei com o Pastor Schlier ontem. Você sabe que havíamos pensado em aguardar até seu afastamento para tomar alguma providência quanto a sua ida para lá. Mas ele me disse que se não agirmos agora pode não haver ninguém na igreja quando ele sair realmente. Gostaria que você fosse imediatamente. Poderia fazer deste sábado o último em Oak Lawn e dedicar-se inteiramente à cidade na próxima semana?

Discordei de seu pedido para que eu encerrasse meu pastorado em Oak Lawn no sábado vindouro. Concordei em ir no fim do mês seguinte.

Tomada a decisão, não havia outra coisa a fazer a não ser ir adiante. Dessa maneira, gastei um mês com as despedidas a minha igreja, à congregação que havia confirmado meu chamdo para o ministério, ao povo que me havia ensinado a pregar e visitar, aos membros da Comissão, que me haviam mostrado como a igreja deve funcionar; e aos amigos que tanto haviam significado! Então tornei a descobrir a vontade de Deus do lado Norte de Chicago!



AS "JÓIAS" DOS TESTEMUNHOS

Os castelhanos foram felizes em chamar esta coleção de Jóias dos Testemunhos.

Esses três volumes contêm os mais brilhantes, agudos e preciosos testemunhos do Espírito de Profecia para os tempos atuais.

Vantagens da nova edição:

- * Nova composição: mais agradável de ler
- * Nova paginação: de acordo com o original inglês
- * Novo índice remissivo: facilita a procura
- * Nova encadernação: mais bonita

Atualize sua biblioteca do Espírito de Profecia

**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

